



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

AIRTON BARBOSA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CANGACEIRO LAMPIÃO EM NARRATIVAS
CORDELISTAS DE JOSÉ PACHECO, MINELVINO FRANCISCO E GUAIPUAN
VIEIRA**

Sousa - PB

2022

AIRTON BARBOSA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CANGACEIRO LAMPIÃO EM NARRATIVAS
CORDELISTAS DE JOSÉ PACHECO, MINELVINO FRANCISCO E GUAIPUAN
VIEIRA**

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Orientador: Professor Dr. Otoniel Machado da Silva

Sousa – PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca do IFPB, *Campus* João Pessoa

S586c	<p>Silva, Airton Barbosa da. A construção da imagem do cangaceiro Lampião em narrativas cordelistas de José Pacheco, Minelvino Francisco e Guaipuan Vieira / Airton Barbosa da Silva. – 2022. 29 f.</p> <p>Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância. Orientador : Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva.</p> <p>1. Literatura de cordel. 2. Cangaço. 3. Lampião. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 82-91(812/813)</p>
-------	---

Bibliotecária responsável Taize Araújo da Silva – CRB15/536

FOLHA DE APROVAÇÃO

AIRTON BARBOSA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO CANGACEIRO LAMPIÃO EM NARRATIVAS
CORDELISTAS DE JOSÉ PACHECO, MINELVINO FRANCISCO E GUAIPUAN
VIEIRA**

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Orientador: Professor Dr. Otoniel Machado da Silva

Aprovado em 08 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Otoniel Machado da Silva – IFPB



Examinadora: Profa. Dra. Gertrudes Hellena Cavalcante de Araújo – IFPB



Examinadora: Profa. Dra. Marta Célia Feitosa Bezerra – IFPB

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir a realização desse sonho, que nas horas mais difíceis ouviu minhas súplicas e me atendeu.

Ao professor orientador Doutor Otoniel Machado da Silva, uma pessoa iluminada por Deus, que me orientou de maneira excepcional, sempre com muito empenho e paciência, conduzindo-me até esse momento.

À minha família, minha base de sustentação emocional, pela qual tenho um amor incondicional, que sempre está ao meu lado me apoiando em todos os projetos que me proponho a fazer.

À minha esposa e minha filha, que são a razão e motivação para que eu sempre busque novas oportunidades de crescimento profissional.

À instituição de ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, e ao corpo docente, que de maneira acolhedora me proporcionou a realização desse sonho; cada aula um novo aprendizado e novas experiências adquiridas.

O cordel permite salvar o que está escrito da morte. Artifício contra o esquecimento, também é lavoura, trabalho, suor, inteligência.

(Rosilene Alves de Melo, 2010).

RESUMO

O presente trabalho mostra como foi o fenômeno do cangaço no nordeste brasileiro, de que forma ele ganhou notoriedade por meio dos cordéis e de que maneira essa literatura tornou-se popular e bastante difundida na região. Particularmente, o trabalho analisa a construção da imagem do cangaceiro Lampião a partir dos cordéis de José Pacheco, Minelvino Francisco e Guaipuan Vieira, respectivamente: “A chegada de Lampião no inferno” (1993), “O encontro de Lampião com padre Cícero no céu” (199?) e “A chegada de Lampião no céu” (1997). Analisando de que maneira a imagem de Lampião foi construída nessas narrativas, verificou-se que os autores se utilizam do humor em um ambiente repleto de misticismo, religiosidade, violência e banditismo social. Como fundamentos teóricos, foram levados em consideração autores como: Tavares Junior (1986), Hobsbawm (2017), Carvalho (2015), Domingos (2017), Aléssio (2004) e Souza (2020).

Palavras-chave: Literatura de cordel, Cangaço, Lampião.

ABSTRACT

The present work shows how the phenomenon of cangaço was in northeastern Brazil, how it gained notoriety through the cords and how this literature became popular and widespread in the region. In particular, the work analyzes the construction of the image of the cangaceiro Lampião from the cords of José Pacheco, Minelvino Francisco and Guaipuan Vieira, respectively: "The arrival of Lampião in hell" (1993), "The meeting of Lampião with Father Cicero in heaven" (199?) and "The arrival of Lampião in heaven" (1997).

Analyzing how Lampião's image was constructed in these narratives, it was found that the authors use humor in an environment full of mysticism, religiosity, violence and social banditry. As theoretical foundations, authors such as Tavares Junior (1986), Hobsbawm (2017), Carvalho (2015), Domingos (2017), Aléssio (2004) and Souza (2020) were taken into account.

Keywords: Cordel Literature, Cangaço, Lampião.

Introdução

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o nordeste brasileiro foi palco de um fenômeno que atingiu a região sertaneja: o cangaço, que apareceu como forma de banditismo social.

A literatura de cordel tornou-se um dos principais meios de circulação responsável por contar um pouco a saga dos grupos de cangaceiros, fazendo uso do humor, da musicalidade e da imaginação popular, possibilitando que fantasia e realidade se misturem, de modo que o heroísmo e o banditismo caminhem juntos.

O presente trabalho analisa como se construíram as narrativas em torno da imagem do mais famoso dos cangaceiros – Virgulino Lampião – levando em conta os cordéis de José Pachêco, Guaiquan Vieira e Minelvino Francisco: “A chegada de Lampião no inferno”, “A chegada de Lampião no céu” e “O encontro de Lampião com padre Cícero no céu”, respectivamente.

Verificou-se que a imagem de Lampião foi construída levando em consideração diversos elementos culturais e religiosos, utilizando-se do humor, a partir da passagem do cangaceiro para o outro lado da vida, de modo a se compreender também o que se passava no imaginário popular.

Tendo o cangaço marcado um período da história brasileira e considerando o cordel como sendo o meio de propagação das inúmeras façanhas dos bandos que percorriam o sertão, a pesquisa se deu em torno da dualidade presente na figura de Lampião, considerado, por muitos, um herói de seu tempo; por outros, personificação do próprio mal. O objetivo do trabalho, portanto, é apontar como os cordéis supracitados apresentam a imagem de Lampião e por que o fazem de maneira humorada, mas também o tratando de forma violenta e enfadada.

Além disso, ao longo do trabalho, entendemos o que foi o banditismo social e de que maneira o fenômeno do cangaço se assemelha a ele, tendo em vista que ambos são frutos de uma sociedade rural e pobre, muitas vezes mergulhada na miséria, que possibilitava o aparecimento desses “bandidos”, como forma de sobrevivência.

O artigo foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, tendo como fundamentos teóricos autores como: Aléssio (2004), Lima (2008), Hobsbawn (2017), Candido (2007), Carvalho (2015), Domingos (2017) e Souza (2020).

O trabalho inicialmente apresenta um breve histórico sobre o fenômeno do cangaço e como esse acontecimento contribuiu para a história do nordeste brasileiro. Em seguida, tratamos sobre o imaginário das pessoas em relação aos cangaceiros e como eles eram apresentados pelos

cordéis e seus diferentes cordelistas. Nessa perspectiva, verificamos o humor presente nos cordéis selecionados, bem como a presença de uma narrativa heroica, finalizando falando sobre o banditismo social e sua proximidade com o cangaço.

1. O cangaço e a fantasia cordelista

1.1 Um breve histórico sobre o fenômeno do cangaço

Ao longo dos séculos XIX e XX no sertão nordestino, desenvolveu-se um movimento que ficaria para sempre marcado na história do povo sertanejo, o cangaço, movimento social que reuniu uma diversidade de pessoas de diferentes regiões, organizadas em grupos armados que saíam pelo sertão a fora, em busca de justiça, riquezas, aventuras, vingança, dentre outros motivos.

Entre 1900 e 1940, aproximadamente, deu-se o auge do cangaço na região Nordeste do Brasil, um fenômeno associado aos bandoleiros que, armados, atuavam nos limites do sertão e do agreste, cruzando fronteiras de vários estados e cidades, agindo, no início, com o “argumento de vingança, de preferência interfamiliar (ou ingressando nos bandos como ‘refúgio’, para proteger-se da perseguição da polícia ou de outros inimigos), para em seguida utilizar essa modalidade de banditismo rural como forma de sobrevivência, ou seja, para obter ganhos materiais por meio de roubos, saques e extorsões”. (DOMINGUES, 2017, p .3).

De acordo com Aléssio (2004), “o cangaço significava violência e medo, para uns, e heroísmo, valentia ou justiça para outros, revelando-se, portanto, como um objeto polimorfo cercado de significações das mais diferentes”. Esse fenômeno vai se desenvolver no sertão nordestino trazendo consigo uma dualidade: ora como violência contra todos que se opusessem; ora como um heroísmo vingativo da população pobre e sofrida. Nesse sentido, Sousa (2020) afirma:

Ressalta-se que, o bando de maior expressividade foi o comandado por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, o qual se destacou pela sua ousadia, coragem, heroísmo e valorização de honra dentro do seu grupo. O cangaço teria surgido devido à falta de assistência do governo em relação às camadas carentes, deste modo, os cangaceiros que faziam parte do bando se transformaram em grupos que aterrorizavam pessoas, assaltavam e roubavam. (SOUSA, 2020, p. 2).

Percebemos que o cangaço encontra um “solo fértil” no sertão nordestino, distribuindo suas raízes por ele. Analisando o pensamento de Domingues (2017), o aparecimento do fenômeno do cangaço está relacionado a fatores naturais, tais como constantes secas e escassez

de alimentos, quanto a fatores de ordem social, a exemplo da opressão da classe trabalhadora pobre impingida pelos coronéis. Os cangaceiros eram vistos sob diferentes olhares, tanto por aqueles que necessitavam de seus serviços, a exemplos de coronéis, quanto por outros que eram vítimas deles.

Nessa perspectiva, o autor Tavares Junior (1986) descreve que havia discursos divergentes e, ao mesmo tempo, contraditórios em relação à imagem dos cangaceiros. Por um lado, eram vistos como bandidos, salteadores que espalhavam terror por onde chegassem; por outro lado, eram vistos como amigos da população, trazendo para essa camada mais pobre a resolução de conflitos, vingança e também ajuda financeira.

Podemos notar que o cangaceiro era temido e, ao mesmo tempo, respeitado por aqueles a quem prestava favores, obtendo até algum tipo de simpatia. É notável que esse fenômeno aconteceu com grande expressividade e teve uma enorme repercussão. Ainda mais porque a busca por riquezas e poder arrastou e devastou todos aqueles que ousavam ficar no caminho dos cangaceiros.

Atuando a partir de pactos com as elites, o bandido integrava-se a mecanismos político-culturais, dentre os quais práticas de roubos, sequestros, destruição de propriedades, tráfico de armas, eliminação física de inimigos políticos e até motins. O que está em questão é o envolvimento dos bandidos com detentores do poder, suas relações políticas e de poder. (CLEMENTE, 2020, p. 132).

O cangaço percorreu o interior do nordeste levando sofrimento e dor aos sertanejos, travando uma verdadeira guerra pelos sertões, em que de um lado estava a força do Estado que tentava suprimir o banditismo, e de outro, os cangaceiros que percorriam as terras em busca de riquezas, vingança, ao mesmo tempo em que faziam alianças com coronéis e outros bandos. No meio desse conflito estava a população sertaneja pobre, que muitas vezes não tinha escolha e nem como tomar partido, estando refém dessas duas grandes forças.

Lampião foi imaginado como representação desse flagelo, a personificação do mal. Seu nome passou a representar o próprio cangaço, como se tivesse existido apenas o de sua época e como se o cangaço de seu tempo não comportasse nenhum sinal de mudança. Suas vilanias foram demonstradas quase diariamente nos jornais, não somente nos periódicos nordestinos do litoral e dos sertões, como, também, em outras capitais do país. (CLEMENTE, 2020, p. 109).

O autor supracitado refere-se ao cangaço tendo o próprio Lampião como seu principal representante. De fato, as histórias que chegaram a nós referem-se quase exclusivamente às aventuras de Lampião, rei do cangaço. Temos uma imagem na qual a figura do cangaceiro é espalhada pelos quatro cantos do sertão, seja por meio da oralidade ou por escritos, a exemplo

dos famosos cordéis, que circulavam desde o século XIX no nordeste brasileiro. O fenômeno do cangaço abre caminhos para uma série de narrativas.

De acordo com Souza (2020), as investidas do bando duraram até 1938, ano em que Lampião e mais 10 cangaceiros, dentre eles sua esposa, Maria Bonita, foram cercados e mortos pela polícia alagoana, sob o comando do tenente João Bezerra. A partir daí se iniciava o declínio da prática do cangaço no nordeste brasileiro.

Esse fenômeno conseguiu ter uma repercussão enorme dentro e fora do país, graças às histórias contadas e inúmeras imagens que circularam. O cangaço ganhou destaque e, conseqüentemente, uma maior perseguição da parte do governo. Contudo, é importante destacar que as figuras do cangaço e de seus principais cangaceiros nunca sairão do imaginário do povo nordestino, seja por meio de proezas ou pela crueldade praticada.

1.2 A fantasia cordelista

Na metade do século XX na região nordestina, as histórias contadas atravessaram gerações e ganharam cada vez mais espaço no imaginário popular. Os relatos orais divertiam aqueles que as reproduziam e apreciavam, a exemplo das pelezas que, na perspectiva de Silva (2013), teria sido a ponte de transição entre a oralidade e a escrita.

A literatura de cordel chegou aqui no Brasil por meio das grandes navegações, vindo a bordo das caravelas portuguesas. No dizer de Silva (2013, p.177): “deve-se compreender que, trazida da Península Ibérica para o Brasil, a Literatura de Cordel naturalmente teve que adaptar-se às condições da região nordestina”, incorporando a religiosidade, o misticismo e os fenômenos sociais que ocorriam no sertão do Nordeste. O autor ainda analisa o termo cordel, explicando sua origem e apontando como o termo ficou conhecido no Brasil somente após a década de 70:

O termo *cordel*, com o significado de cordinha ou de cordão, é muito pouco conhecido e quase nunca usado pela maioria dos brasileiros. Portanto, em vista dessa terminologia, a autora Márcia Abreu (2011) esclarece que nem sempre os autores e consumidores reconhecem a expressão *Literatura de Cordel*, tipicamente portuguesa, que passou a ser usada pelos estudiosos no Brasil apenas a partir de 1970. (SILVA, 2013, p. 178).

Essa modalidade literária é adaptada na região nordeste e começa a ter sua produção bem diversificada, e as narrativas orais ganham forma por meio dos cordéis. Por ser fabricado

utilizando material considerado mais barato, a aquisição é acessível, e os folhetos rapidamente se espalham por toda a região.

Com a popularização do cordel na região, começaram a surgir autores e, ao mesmo tempo, conteúdos variados para serem tratados nos textos. Os poetas usavam de várias fontes de inspiração para escrever: problemas cotidianos, a própria realidade na qual estavam inseridos e, por algumas vezes, criavam um ambiente imaginário onde os fatos podiam ocorrer.

O poeta popular e o cantador, como narradores, sabem ser fiéis aos fatos e, por outro lado, sabem imaginá-los fantasiosos, como ninguém. Identificados com o seu público, por originários que são de uma mesma realidade cultural, conhecem muito bem a necessidade de informações e as necessidades estéticas e psicológicas a que devem satisfazer, em seus leitores. (TAVARES JUNIOR, 1986, p. 99).

Um dos elementos mais marcantes da produção do cordel foi a forte presença da fantasia e do imaginário popular associada à vivência do cotidiano. Os poetas cordelistas tinham acesso a um mar de informações prosaicas e, com isso, podiam dar vida a elas por meio das linhas do cordel, em um jogo que misturava realidade e fantasia.

Fantasia e imaginário se misturam à realidade dos poetas, viram folhetos de cordel e tornam-se permanentes através de seus aparatos técnicos. E sua percepção pressupõe uma tradição, um conjunto de símbolos reconhecidos culturalmente para que as imagens dos níveis de realidade sejam mentalmente criadas e compreendidas, para que haja a possibilidade de interpretação. (CARVALHO, 2015, p. 6).

O poeta cordelista utilizava-se da sua imaginação como forma de incrementar os versos, deixando o leitor criar diferentes imagens daquilo que estava lendo. De acordo com Carvalho (2015), a realidade dos autores se mesclava, portanto, à fantasia, de modo que os fatos cotidianos ganhavam também contornos imaginários, a ponto de fazer emergir o imaginário social nordestino:

Os folhetos de cordel imprimem em suas páginas um discurso que materializa e nos permite ter acesso a uma parte do imaginário social nordestino, possibilitando a identificação de elementos que fazem parte do cotidiano da região, no contexto em que vive cada poeta especificamente, e que têm origem em uma tradição que, muitas vezes, se pratica, mas que não se sabe exatamente qual a sua origem, quais os seus significados primeiros, obedecendo-se apenas aos significados imediatos. (CARVALHO, 2015, p. 6).

Podemos analisar a questão da fantasia, aspecto importante do universo literário e, naturalmente, também do cordel, como sendo uma porta para adentrar em um mundo de acontecimentos que buscam justificar algumas atitudes ou mesmo retratar o ponto de vista de

como as coisas deveriam ser. De acordo com Resende (2019, p. 21), “os poetas populares conduzem o leitor a refletir, a partir desse mergulho no universo imaginário, criado por eles, na sua própria realidade, muitas vezes retratada na fantasia do poeta.” Percebemos que o sertanejo já estava acostumado com essa narração fantasiosa dos fatos, tendo em vista que, no folheto de cordel, a realidade e a fantasia coexistem (SILVA, 2012).

Compreendemos que o imaginário presente nos folhetos de cordel situa-se no campo da imagem como representação mimética, em que o poeta tenta transportar para os versos a sua percepção da realidade, tenta imitá-la, não de modo literal, mas a partir de suas experiências, de sua compreensão cultural, a partir de toda a historicidade que o envolve. (CARVALHO, 2015, p. 4).

A autora supracitada analisa uma questão importante no que diz respeito à fantasia presente no cotidiano das pessoas, a saber: o ser humano usa o seu imaginário para idealizar uma cena, um acontecimento e/ou fato que tenha ocorrido, na busca por entender como o evento aconteceu. Assim, as pessoas acabam por criar uma narrativa, seja para preencher lacunas, ou mesmo para eternizar uma cena ou momento.

Percebemos que o autor cordelista faz uso, muitas vezes, de seu próprio imaginário para retratar uma cena ou um acontecimento que tenha ocorrido ou venha a ocorrer. De acordo com Carvalho (2015), o imaginário presente nos folhetos está no campo da representação mimética, em que o autor tenta transportar, para seus versos, um pouco daquilo que ele vivenciou ou compreendeu por meio de suas experiências culturais. É o que parece ocorrer com os diversos relatos orais que temos acerca do cangaço e dos cangaceiros.

1.3 O cangaço no cordel

A literatura cordelista ganha popularidade na região do nordeste brasileiro, e o sertão seco e pobre oferece um cenário favorável para essa cultura, uma vez que o cordel poderia ser comercializado a um preço acessível, tendo em vista a escassez de recursos e condição social dessa sociedade. A popularização dessa literatura também é fortalecida porque as narrativas apresentadas faziam parte do cotidiano das pessoas.

Além disso, de acordo com Souza (2020, p. 15), “a literatura de cordel ganha destaque na região nordestina e se torna um elemento de poder de comunicação de fatores culturais na sociedade, pois apresenta uma linguagem popular e simples para expressar os diversos temas de forma crítica e literária”.

Outro fator para colaborar com a popularidade do cordel seria o cenário religioso e cheio de misticismo, muitas vezes atrelado ao folclore, marca de uma sociedade rural, rústica e arcaica.

A literatura de cordel caracteriza-se e atrai leitores por sua diversidade temática, além de seu caráter de fonte informacional (ASSIS, TENÓRIO, CALLEGARO, 2012). No caso da temática do cangaço, o cordel tornou-se uma significativa fonte de informação, uma vez que trazia, em seus folhetos, as mais diversas histórias de como os cangaceiros viviam e se comportavam no sertão nordestino. É possível afirmar, portanto, que a literatura cordelista, por muitos anos, foi uma das mais eficazes fontes de informação que circulou pela sociedade nordestina no início do século XX, ao mesmo tempo em que estava atrelada à cultura de um povo, fazendo parte de seu imaginário.

Os autores cordelistas traziam as suas narrativas sob uma perspectiva fantasiosa, por muitas vezes utilizando-se de fatos e relatos orais que corriam entre a população local. Esse aspecto fazia com que as pessoas encontrassem uma identificação nos versos.

A comunicação entre o ouvinte e o cordelista é marcada pela intenção do último de convencer o público acerca da veracidade de suas histórias. Ao mesmo tempo em que cria mitos ou lendas em torno do cangaço, o cordel contribui para a reelaboração constante desse fenômeno, objetivando e transformando uma realidade social. (ALÉSSIO, 2004, p. 54).

O cangaço no cordel foi difundido e apresentado à população a partir de diferentes olhares, tanto na perspectiva de grupos armados que praticavam atrocidades com o uso da violência e crueldade, como também de narrativas que carregavam uma visão cheia de heroísmos, conferindo aos cangaceiros a fama de justiceiros, que vingavam o povo pobre sofredor do Nordeste, mostrando à classe mais rica que eles seriam um poder paralelo ao Estado.

Nesse sentido, a representação do cangaço na literatura cordelista surge como uma narrativa que reforça a ficção e expressa sentimentos, informações e cultura de um povo. Sendo assim, a representatividade do cangaço no cordel mostra a percepção da situação real de violência e banditismo no nordeste brasileiro, além de evocar o humor na apresentação. Percebe-se que a história do cangaço, principalmente a de Lampião, vem contribuir na literatura de cordel como resgate da cultura popular. (SOUZA, 2020, p. 6).

No imaginário da sociedade nordestina, havia espaço para as mais diversas crenças e saberes herdados de pai para filho, conhecimento antigo que pairava em todo o sertão. Os poetas e cantadores populares sabiam disso e começavam a produzir suas obras baseadas nessas leituras que faziam da população. Dessa forma, é possível encontrar vários cordéis que tratam

sobre esses saberes e crenças que faziam parte do imaginário desse povo, a exemplo do que fez o cordelista Minelvino Francisco Silva, o trovador apóstolo:

Pegando na minha pena
 Primeiro tiro o chapéu
 Pra escrever um livrinho
 Pra granfino e tabaréu
 O encontro de Lampião
 Com padre Cícero no céu. (SILVA, 199?, p. 1)

O imaginário popular e a religiosidade se atrelavam muitas vezes à própria imagem do cangaceiro, inspirando histórias que narravam suas destrezas e feitos, que se incluíram rapidamente nos folhetos de cordel. Os poetas procuravam retratar toda a sua trajetória, bem como suas façanhas, fossem elas boas ou ruins, de modo que cada autor constrói e ao mesmo tempo idealiza uma imagem do cangaço e de seus personagens.



Nessa perspectiva, temos o cordel de Guaipuan Vieira, o qual trata da suposta chegada de Lampião no céu. O cordelista descreve como o cangaceiro é recebido por aqueles que não o desejavam por lá. Notamos, assim, que o cangaço ainda seria temido e causador de medo por onde se fizesse presente:

São Jorge chegou na frente
 Com sua lança afiada
 Lampião baixou os óculos
 Vendo aquilo deu risada
 Pedro disse: Jorge expulse
 Ele da santa morada.

E tocou Jorge a corneta
 Chamando sua guarnição
 Numa corrente de força
 Cada santo em oração
 Pra que o santo Pai Celeste
 Não ouvisse a confusão. (VIEIRA, 1997, p. 2)

Os cordelistas, com os quais estamos trabalhando, tratam o cangaço com uma atmosfera religiosa, fruto de um imaginário popular presente nas pessoas da região nordeste. É perceptível que, ao falar de um tema tão discutido por vários autores e poetas, muitos tratam os cangaceiros como pessoas de difícil temperamento. Podemos perceber isso na chegada de Lampião no inferno, em que o cordelista José Pacheco narra a seguinte cena:

Vamos tratar da chegada
 Quando Lampião bateu
 Um moleque ainda moço
 No portão apareceu
 — Quem é você cavalheiro
 — moleque eu sou cangaceiro
 Lampião lhe respondeu

 — moleque não! Sou vigia
 E não sou seu pareceiro
 E você aqui não entra
 Sem dizer quem é primeiro
 — moleque abra o portão
 Saiba que sou Lampião
 Assombro do mundo inteiro. (PACHECO, 1993, p. 2)

Percebemos nos versos que o cangaceiro Lampião aparece no inferno após sua morte na tentativa de entrar lá, porém sua fama era tão terrível que não o deixaram passar adiante. Nessa linha, alguns cordéis vão definir uma imagem bastante negativa do cangaceiro, sem deixar, por outro lado, de levar em consideração o humor.

2. A construção da imagem do cangaceiro

De acordo com Silva e Vieira (2013, p. 5), “a literatura de cordel é popular porque se refere a assuntos sob o ponto de vista popular e trata de assuntos que interessam ao povo”. O autor cordelista vinha do povo e escrevia para ele, baseando-se em acontecimentos que circulavam em seu dia a dia. Dessa forma, temos a temática do cangaço a qual é explorada constantemente nos folhetos. Para Sousa (2012), o cangaço juntamente com a figura de Lampião se estabelece na temática dos cordéis, tendo várias narrativas relatando as suas façanhas. Podemos atribuir isso a uma realidade contextual conhecida pelo sertanejo que, inclusive, numa situação de dificuldade que vivenciava, teve que muitas vezes recorrer ao cangaço.

O cangaço trouxe para o sertanejo uma motivação no que concerne a sua participação, pois o mesmo vivia imbuído pela injustiça social, pobreza e pela falta de perspectiva

de uma vida melhor em outra atividade, buscando assim a esperança de melhoria naquela realidade. Diante disso, Grillo¹ menciona a representação do cangaço nos folhetos de cordel. (SOUZA, 2020, p. 5).

A literatura cordelista traz constantes narrativas sobre o cangaço, recheada por histórias que vão desde as narrativas de feitos heroicos por parte dos cangaceiros até aos momentos de terror causados por esses bandos. A população estava cercada pela violência, visto que aparentemente o cangaço por meio de Lampião aterrorizava uma boa parte da região, ao mesmo tempo em que os cordelistas estariam rodeados de novas histórias para seus versos. De acordo com Wiesebron (2016, p. 418), “a figura de Lampião como justiceiro não é uma imagem compartilhada nem pela maioria daqueles que viveram o cangaço, nem por muitos estudiosos do assunto”.

O cordel expõe ao mundo narrativas e histórias do cangaço que muitas vezes podem ser heroicas e, em outros momentos, cheias de maldades praticadas por suas personagens. O cangaceiro torna-se quase uma figura infernal e sobrenatural, e seus feitos ecoam até os confins da terra, atravessando o além-vida. Como se não bastasse a saga de violência que promoveram em vida, após a morte eles ainda teriam contas a acertar:

Um cabra de Lampião
 Por nome Pilão Deitado
 Que morreu numa trincheira
 Em certo tempo passado
 Agora pelo sertão
 Anda correndo visão
 Fazendo mal-assombrado (PACHECO, 1993, p. 1)

Percebemos nos versos um aspecto sobrenatural o qual passa a assombrar o sertão: o cangaceiro mesmo após sua morte ainda seria temido por todos, chegando ao outro lado da vida com aspecto rígido e capaz de cometer atrocidades que já cometera em vida.

Dessa maneira, o cangaço e a literatura de cordel caminham lado a lado, enquanto um age de forma intensa entre o sertão, causando diversas situações de conflito, a outra vai utilizando dessas histórias e construindo uma narrativa acerca desses episódios, desenhando uma imagem do cangaço e de seus cangaceiros, além de contribuir para o conhecimento de vários fatos ocorridos.

A literatura de cordel pôde contribuir significativamente para a construção de um fascínio da história do cangaço e de Lampião. As histórias narradas a partir dos versos

¹ GRILLO, M. A. F. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900- 1940)**. Niterói, RJ: Tese de Doutorado - UFF, 2005.

alimentam a curiosidade e o gosto pelo tema, além de chamar a atenção do público leitor. Muitos poetas narram acontecimentos da vida de Lampião ressaltando o humor. Cenas engraçadas são narradas em versos. (BARROS, 2012, p. 36).

Os cordéis fazem um registro de uma trajetória de vida na qual o cangaço difundia as suas raízes e seus personagens ficaram eternizados até os dias de hoje. Lampião é o cangaceiro que tem uma repercussão consideravelmente maior em seus versos, sendo tratado como bandido perigoso e violento, mas também sendo visto como uma fonte de bravura e coragem. Os cordéis passam a desempenhar um papel crucial para a divulgação e estudo dessa imagem.

Como já foi citado, Lampião e o cangaço compõem um dos maiores ciclos temáticos da literatura de cordel. Usando dos depoimentos dos sertanejos, do imagético e do mito Lampião, os cordelistas narram versos que fazem referência a diferentes ações do cangaceiro e também de sua trajetória de vida. (BARROS, 2012, p. 29)

Nessa perspectiva, temos uma imagem que é moldada a partir dos relatos que são narrados por meio da oralidade. O cordel mostra a imagem de um cangaceiro que, mesmo após sua morte, ainda insistia em resolver todas as questões por meio da violência. Lampião passava a ser temido onde quer que pisasse:

Disse Pedro isso é blasfêmia
É bastante astucioso
Pistoleiro e cangaceiro
Esse povo é impiedoso
Não ganharão o perdão
Do santo Pai Poderoso

Inda mais tem sua má fama
Vez por outra comentada
Quando há um julgamento
Duma alma tão penada
Porque fora violenta
Em sua vida é baseada. (VIEIRA, 1997, p. 3)

Percebe-se que, no trecho do cordel abaixo, o autor tenta amenizar a figura diabólica do cangaceiro, apresentando um sujeito arrependido de seus atos e que se mostrava pronto para entrar no céu, mesmo diante das atrocidades cometidas:

- Sei que sou um pecador
O meu erro reconheço
Mas eu vivo injustiçado
Um julgamento eu mereço
Pra sanar as injustiças
Que só me causam tropeço. (VIEIRA, 1997, p. 6)

Com base nos cordéis analisados, o cangaceiro é por muitas vezes visto como um sujeito sem medo, pronto para o combate, desafiador. Notamos ainda que os cordelistas colocam Lampião como vencedor, seja pela força que ele impõe ou mesmo pela busca da redenção divina, porém sua entrada tanto no céu quanto no inferno é negada, mostrando que ele não teria lugar no mundo espiritual. O único recanto possível para ele seria o sertão nordestino.

3. O humor na construção da imagem de Lampião

No cordel “A chegada de Lampião no inferno”, José Pacheco (1993) cria um enredo em que o cangaceiro Lampião, em função de suas obras em vida, após a morte vai para o inferno. Porém, acontece um fato inusitado: o próprio Satanás, reconhecendo a fama de Lampião, não o aceita em sua propriedade. E é justamente aí que o humor é formado, visto que deveria ser normal que ele fosse para o inferno, e o diabo naturalmente se encarregaria de sua alma. Por ter sido tão perverso em vida, o próprio diabo não o queria por lá. O autor, utilizando uma linguagem mais informal, dando assim um aspecto regional e “matuto” ao poema, sinaliza para o humor que viria presente no cordel:

O vigia foi e disse
A Satanás, no salão:
Saiba vossa senhoria
Aí chegou Lampião,
Dizendo que quer entrar
E eu vim lhe perguntar
Se lhe dou o ingresso ou não?

Não senhor, Satanás disse
Diga a ele que vá simhora
Só me chega gente ruim
Eu ando muito caipora
Eu já tô inté com vontade
De botar mais da metade
Dos que têm aqui pra fora. (PACHECO, 1993, p. 3)

Na continuidade dos versos, ainda há mais doses de humor, pois o autor traz a fala de Satanás afirmando que já estaria cansado de tanta gente ruim por lá. Usando, assim, da ironia, José Pacheco (1993) descreve a não aceitação de Lampião no inferno e, com isso, mostra quanto odiado o cangaceiro foi, a ponto de que ele não teria lugar de descanso eterno, nem mesmo no inferno. O cangaceiro vai ser tratado como um sujeito altamente perigoso. Mesmo em tom humorístico, Silva (199?) traz a figura de Lampião como sendo perverso e temível:

[...]
 Chegou um diabo velho
 Que se chamava prazer
 Lampião meteu o punhal
 Que viu o bicho gemer
 Com a dor da punhalada
 Viu o seu calção logo encher
 [...]
 Veio uma diaba moça
 Que se chamava despacho
 Lampião disse pra ela
 Saiba que sou bicho macho
 Meteu o punhal na negra
 Que a calça caiu por baixo. (SILVA, 199?, p. 3)

A imagem do cangaceiro é formada por elementos carregados de violência e medo. Na literatura cordelista, é possível ver a representação dessa figura em vários versos. Raymundo Silva (2013, p. 3) descreve a literatura de cordel como uma literatura enriquecida por relatos da vida errante e perigosa na qual viviam os cangaceiros. Entretanto, em alguns folhetos, percebemos que os autores tratam esse tema por meio de uma perspectiva cômica, fazendo com que as aventuras dos cangaceiros sejam narradas com humor. É o que percebemos, por exemplo, já no início do cordel “A chegada de Lampião no inferno”:

Um cabra de Lampião
 Por nome Pilão Deitado
 Que morreu numa trincheira
 Em certo tempo passado
 Agora pelo sertão
 Anda correndo visão
 Fazendo mal-assombrado

E foi quem trouxe a notícia
 Que viu Lampião chegar
 O Inferno nesse dia
 Faltou pouco pra virar
 Incendiou-se o mercado
 Morreu tanto cão queimado
 Que faz pena até contar

Morreu a mãe de Canguinha
 O pai de Forrobodó
 Três netos de Parafuso
 Um cão chamado Cotó
 Escapuliu Boca Ensossa
 E uma moleca moça
 Quase queimava o “totó” (PACHECO, 1993, p. 1).

Enquanto narra a suposta chegada de Lampião no inferno, o autor agrega a comédia, de modo que, mesmo se tratando da imagem de um violento cangaceiro, a cena se desenvolve com

um jogo de palavras a partir dos nomes populares dos supostos “diabos”, fazendo com que a cena se torne engraçada, apelando, inclusive, para a erotização.

Quando analisamos os cordéis de José Pacheco (1993), Minelvino Francisco (199?) e Guaipuan Vieira (1997), temos a criação de um personagem, no caso o cangaceiro Lampião, envolto por uma atmosfera mítica, recheada de religiosidade, mas também rodeada de humor.

Foi numa Semana Santa
Tava o céu em oração
São Pedro estava na porta
Refazendo anotação
Daqueles santos faltosos
Quando chegou Lampião.

Pedro pulou da cadeira
Do susto que recebeu
Puxou as cordas do sino
Bem forte nele bateu
Uma legião de santos
Ao seu lado apareceu. (VIEIRA, 1997, p. 1)

Nos versos supracitados do autor Guaipuan Vieira (1997), notamos elementos da religiosidade presentes na obra. Todos ficam surpresos com a chegada do cangaceiro prestes a adentrar no céu, encontrando nas suas portas a figura de São Pedro e outros santos. Nesse momento, logo aparece uma cena bem-humorada atrelada ao sagrado, quando São Pedro faz uma contagem dos santos faltosos.

A partir daí, temos uma sequência de acontecimentos, envolvendo a figura de Lampião numa atmosfera engraçada e passível de risos. No cordel de Minelvino Francisco, “O encontro de Lampião com padre Cícero no céu”, temos a mesma construção que mescla o sagrado com o engraçado:

[...]
Dali levou Lampião
A presença do Senhor
E ele pediu perdão
Dos seus pecados de horror
Jesus lhe disse: esperamos
Pelo seu acusador

O cão estava doente
Sofrendo até do pulmão
Das pancadas que levou
Na briga com Lampião
Por isso pro céu não foi
Fazer sua acusação. (SILVA, 199?, p.7)

Nos cordéis os quais selecionamos para a análise, percebemos a construção da imagem de Lampião com um tom de humor. Ao passo que os autores narram a cena, descrevendo os elementos nela presentes, tiram o foco da figura brutal do cangaceiro, inserindo-o em um universo que oscila entre a bravura e o humor.

Nos versos do poeta Minelvino Francisco Silva (199?) também percebemos a forte presença do humor. Apesar de sua narrativa ter uma forte ligação religiosa, ainda assim, o autor utiliza-se de um estilo mais divertido e engraçado para tratar suas cenas, dando gênero e idade aos diabos do inferno, trazendo também a valentia e coragem de Lampião, que desafia até mesmo o próprio senhor das trevas. Percebemos ainda que os autores dos cordéis veem o cangaceiro Lampião sem um lugar de descanso, devido a toda maldade praticada na Terra.

O cangaceiro é moldado na narrativa como um sujeito forte, corajoso e teimoso, tal como seria quando estava entre os vivos. Mesmo depois de morto, ele ainda carregava a fama de homem mau que atormentava e espalhava violência aonde chegava. Essa visão violenta do cangaço, por meio da figura de Lampião, não desaparece, mas os versos bem-humorados conseguem mesclar a brutalidade com imagens engraçadas, a partir de cenas cômicas.

4. O banditismo social e a imagem de Lampião nos cordéis

A região pobre do interior do nordeste brasileiro, marcada pela atividade rural, pela seca e por uma miséria econômica constituiu um ambiente propício ao que foi chamado de banditismo social.

[...] o banditismo social constitui fenômeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobiliza principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados — por senhores, burgos, governos, advogados, ou até mesmo brancos. É encontrado em uma ou outra de suas três formas principais [...]: o *ladrão nobre*, ou Robin Hood, o combatente primitivo pela resistência ou a unidade de guerrilheiros formada por aqueles que chamarei de *haiduks* e, possivelmente, também o *vingador* que semeia o terror. (HOBSBAWM, 2017, p. 12)

É no contexto dessa conceituação que também podemos inserir a figura dos cangaceiros no sertão nordestino entre o final do século XIX e o início do XX, decorrendo daí uma dualidade interpretativa: ora vistos como marginais; ora vistos como heróis. O fenômeno do cangaço é complexo e comporta uma noção de grupo que luta por sobrevivência, justiça e, por vezes, vingança. Inseridos numa comunidade extremamente carente, os cangaceiros também são resultado das necessidades econômicas de uma região desassistida pelo Estado.

No sertão nordestino, o cangaço foi capaz de construir uma densa rede de controle de certas localidades, inclusive a partir do heroísmo disseminado entre a população, que tomava ciência dos feitos de vingança e favores contra seus desafetos.

O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. (HOBSBAWM, 2017, p. 10).

O banditismo social, descrito pelo historiador Hobsbawn (2017), oferece uma realidade de terror e medo, assim como o cangaço trouxe para a região do nordeste brasileiro: “causar terror e ser impiedoso é um atributo mais importante para esse bandido do que ser amigo dos pobres” (HOBSBAWN, 2017, p. 58).

A pobreza e as constantes secas na região da caatinga contracenavam com a fervorosa religiosidade. As crenças, o misticismo e a devoção caminhavam juntos, ao lado do cangaço. De acordo com Hobsbawn (2017, p. 21), “o sertão do nordeste brasileiro, região clássica dos cangaceiros, era também a dos *santos*, os líderes messiânicos rurais. Ambos os fenômenos floresceram juntos, mas os santos eram maiores”. A literatura de cordel captou perfeitamente bem essa realidade mística e violenta e, por meio dos folhetos, explorou o imaginário social, construindo narrativas em que as figuras celestiais ou infernais interagem com os cangaceiros.

O cangaço percorre o sertão nordestino, ferindo aqueles que se colocavam em seu caminho e, também, trazendo vingança para aqueles que a buscavam. Segundo a narrativa de Vieira (1997), Lampião justificou seus atos e sua própria entrada no cangaço, em razão de uma “polícia maliciosa” e de uma vingança contra aqueles que assassinaram seu pai:

Sou o Capitão Virgulino
Guerrilheiro do sertão
Defendi o nordestino
Da mais terrível aflição
Por culpa duma polícia
Que promovia malícia
Extorquindo o cidadão.

Por um cruel fazendeiro
Foi meu pai assassinado
Tomaram dele o dinheiro
De duro serviço honrado
Ao vingar a sua morte
O destino em má sorte
Da “lei” me fez um soldado. (VIEIRA, 1997, p. 3)

Nos versos de Guaipuan Vieira (1997), mesmo diante da apelação e das “justificativas” de Lampião para seus atos, sua entrada no céu é negada, em razão de tudo que ele tivera cometido em vida na Terra. Sendo Lampião considerado um bandido extremamente violento e sabendo da sua reputação, ninguém queria receber o cangaceiro, nem o Pai Celestial do reino do Céu, nem o senhor das sombras.

Contudo, a figura de Lampião traz consigo um estigma, o qual deixa sua reputação com certa dualidade: por muitos, ele é tido como malfeitor, desordeiro e ladrão de alta periculosidade; mas, para outros, como um sujeito que lhes seria útil, por praticar favores e recompensá-los. Para Hobsbawn (2017, p. 56), “Lampião foi e ainda é um herói para sua gente, mas um herói ambíguo”. A imagem do cangaceiro desperta diferentes sensações por entre aqueles que o acompanhavam e o viram de perto.

Os cordéis analisados trazem a figura de Lampião sempre considerando os seus pecados cometidos na Terra, dando-lhe um aspecto de crueldade. O cangaceiro, mesmo depois de morto, ainda é visto como um grande perigo, tanto para o céu quanto para o inferno. Ambos não o aceitam, considerando Lampião tão ruim, que sua alma só teria um destino: o sertão a quem tanto o viu percorrer e com ele se acostumou:

Pedro disse: é malcriado
Nem o diabo lhe aceitou
Saia já seu excomungado
Sua hora já esgotou
Volte lá pro seu Nordeste
Que só o cabra da peste
Com você se acostumou. (VIEIRA, 1997, p. 4)

Portanto, o cangaceiro Lampião não tem descanso, assim como na sua vida terrena a qual se dedicou à arte de tirar vidas, após sua morte só um destino lhe era garantido, pelejar por toda a eternidade. Os cordéis analisados são unânimes em narrar esse acontecimento, mostrando como o cangaceiro seria recebido em sua vida eterna.

Estava travada a luta
mais de uma hora fazia
a poeira cobria tudo
negro embolava e gemia
porém Lampião ferido
ainda não tinha sido
devido a grande energia. (PACHECO, 1993, p. 7)

A contínua batalha de Lampião pós-morte também é mostrada por meio dos versos do cordel de Minelvino Francisco Silva. No relato, o autor descreve a intensa luta entre o cangaceiro e os demônios do inferno:

Pra cima de Lampião
a turma toda avançou
Lampião meteu-lhe o rifle
Que vinte cães derrubou
Tiro vai tiro vem
a batalha começou. (SILVA, 199?, p. 2)

A partir dos cordéis analisados, é possível compreender que seus autores criaram um momento pitoresco em um ambiente rodeado de religiosidade para assim apresentar o cangaceiro Lampião, impaciente, violento e temível. A sua fama o acompanha até mesmo quando ele morre e chega às portas do inferno e do céu. Carregando consigo toda a sua raiva e revolta, o cangaceiro mostra-se disposto a conquistar o seu lugar.

Literariamente, o personagem garantiu seu espaço e eternidade.

Considerações finais

Percebemos que o cordel desempenha uma função literária e histórica muito significativa, sobretudo na região Nordeste. Por meio dessa literatura, podemos entender um pouco mais sobre um determinado tema, cotidiano ou fenômeno que ocorreu, a exemplo do cangaço, o qual é incorporado a várias histórias cordelistas. Os autores procuravam exibir uma imagem do cangaceiro, seus feitos, suas conquistas, seus valores, eternizando assim alguns nomes que ainda hoje causam polêmica, admiração e repúdio.

No decorrer da nossa análise verificamos que o fenômeno do cangaço se espalha e possibilita o aparecimento de inúmeras narrativas. Heróis ou bandidos, de uma forma ou de outra, os cangaceiros conseguiram empreender um domínio de medo por onde passavam. O cordel foi um instrumento bastante utilizado para relatar as muitas histórias que foram surgindo nesse período.

Nos cordéis de José Pacheco (“A chegada de Lampião no inferno”), Minelvino Francisco (“O encontro de Lampião com padre Cícero no céu”) e Guaiquan Vieira (“A chegada de Lampião no céu”), é perceptível a construção de uma imagem singular do cangaceiro, especialmente a de Lampião. O capitão, mesmo depois de morto, ainda representava uma ameaça por onde quer que chegasse. Mesmo na vida após a morte, todos o temiam ou gostariam

de não o ter por perto. O constante confronto e a violência ainda fazem parte de sua “vida”, e seu fado seria ter que carregar sua fama de mal feitor e desordeiro.

Por meio desta pesquisa, conhecemos um pouco do contexto relativo ao cangaço e, também, como teria chegado o cordel ao Brasil. Nessa perspectiva, a abordagem em relação ao cangaceiro passa a ser o centro das discussões. A construção de uma imagem violenta e temível de Lampião é descrita nos cordéis, e sua memória, guardada no imaginário popular até os dias de hoje.

Em última análise, percebemos que a literatura de cordel possibilitou uma reflexão sobre como foi formada a imagem do famoso e renomado cangaceiro Lampião, por meio de narrativas fantasiosas e muitas vezes bem-humoradas. Sem deixar de mostrar o lado agressivo do cangaceiro, os cordéis fazem uma mistura da imagem violenta com o misticismo religioso. Tudo isso no cenário ideal: a região sertaneja.

Referências

- ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos. **A Representação Social da Violência na Literatura de Cordel Sobre Cangaço**. Recife, Psicologia ciência e profissão, 2004, p.52-59.
- ASSIS, Regina Alves; TENÓRIO, Carolina Martins; CALLEGARO, Tânia. **Literatura de cordel como fonte de informação**. São Paulo, v5, nº1, p.3-21, 2012.
- BARROS, Thays de Souza. **O cangaço na Figura de Lampião: a imagem de um cangaceiro memorizada nos folhetos de cordel**. Monografia (licenciatura em História), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2012, 70p.
- CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARVALHO, Gislene. **“As proezas de João Grilo”**: Imaginários da cultura nordestina impressos em poesia de cordel. Extrapresa (USP), p. 06-11, Jan-Jun 2015.
- CLEMENTE, Marcos Edilson Araújo. **Lampião e o Cangaço**: trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938). *Revistas escritas do tempo*, v2, n4, p. 108-132, mar-jun 2020.
- DOMINGUES, Petrônio. O “Corisco preto”: cangaço, raça e banditismo no nordeste brasileiro. **Revista Hist. São Paulo**, nº176, p. 1-39, 2017. Disponível em:<
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.119973>> Acesso em: 20/04/2022.
- HOBSBAWM, Eric. J. **Bandidos**. 5. ed. Trad. Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- LIMA, Antônio Carlos Ferreira. **A permanência do ciclo mítico religioso na literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção social**. Tese (doutorado em literatura) Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 206 p. 2008.
- PACHECO, J. **A chegada de Lampião no inferno**. [s.n.]. [S.I.: s.n.], [1993].
- RESENDE, Janaina Cristina Gomes. **O tema da viagem na literatura de cordel: leitura de Uma viagem ao céu, Viagem a São Saruê e Uma viagem à Lua**. Monografia, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba, 2019, p. 1-35.
- SILVA, Luzinete Pereira; VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **O mundo imaginário do cordel**. Paraná, Volume II, p. 1-18, 2013.
- SILVA, Minelvino Francisco. **O Encontro de Lampião com Padre Cícero no Céu**. [s.n.]. [S.I.: s.n.], [199 -?].

SILVA, Raymundo José. Bandido e herói: o vingador do sertanejo no folheto de cordel. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 175-190.

SOUZA, Eleuza Dias. **A representação do cangaço na literatura de cordel**. VII CONEDU. Maceió, p. 1-12, 2020.

TAVARES JUNIOR, Luiz. Literatura de cordel e cangaço. **Revista de Letras**. Fortaleza, p.75-108, Jul/Dez, 1986. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19856/30499>>, acesso em: 12/02/2022.

VIEIRA, Guaipuan. **A chegada de Lampião no céu**. Centro Cultural dos Cordelistas – Cecordel, 1997.